

CCB

Cidade
Aberta /

Belém Cinema

Grande Auditório

Grande Écrã

Grandes Clássicos

23 SET

Doutor Jivago

de David Lean

29 OUT

Ivan, O Terrível

de Serguei Eisenstein

3 DEZ

A Ponte do Rio Kwai

de David Lean

23 DEZ

Mary Poppins

de Robert Stevenson

Belém Cinema
Grande Auditório
Grande Écrã
Grandes Clássicos

Set / Out / Dez
2017
Grande Auditório, 16h
M/12

23 set

M/12

Doutor Jivago
Doctor Zhivago

29 out

M/12

Ivan, O Terrível (PARTE I + II)
Ivan Grozny

3 dez

M/12

A Ponte do Rio Kwai
The Bridge on the River Kwai

23 dez

M/12

Mary Poppins



Realização brilhante. Uma *mise-en-scène* superlativa.
Os detalhes pictóricos são tremendos. **THE NEW YORK TIMES, 1965**

De uma imensidão que nunca perde a escala humana
É uma genuína e incontornável obra de arte. **LIFE, 1966**

Doutor Jivago
Doctor Zhivago

1965 / 197 MINUTOS / EUA, ITÁLIA, ESPANHA

REALIZAÇÃO David Lean

ELENCO Omar Sharif, Julie Christie,
Geraldine Chaplin, Alec Guinness,
Rod Steiger

ESTREIA EM PORTUGAL: 20 SETEMBRO 1966

No ano do seu centenário, evoca-se a Revolução Russa através de um dos grandes filmes de David Lean. Adaptando o romance homónimo do russo Boris Pasternak, Prémio Nobel da Literatura, Lean realiza este drama épico, vencedor de cinco Óscares (Melhor Argumento, Direção Artística, Fotografia, Guarda-Roupa e Banda Sonora) e cinco Globos de Ouro (Melhor Filme, Realização, Ator – Omar Sharif –, Argumento e Banda Sonora), – e estreado na Seleção Oficial do Festival de Cannes, de 1966. Yuri Jivago (Omar Sharif) é um jovem médico e poeta pacifista, que, subitamente, se vê confrontado com os tumultos da História que afetam o seu país,

a sua família e a si próprio. Médico dedicado na Rússia pré-revolução, é casado com Tonya (Geraldine Chaplin), uma esposa meiga e devota, com quem vive um casamento feliz. Empurrado para o campo de batalha da 1.ª Guerra Mundial, é lá que conhece Lara (Julie Christie), uma bela enfermeira com um passado de abusos, e por quem se apaixona. A longa história de amor impossível entre Yuri e Lara tem como pano de fundo o turbulento período histórico do início do século XX: duas Guerras Mundiais, o fim do czarismo e a revolução bolchevique. É pelos olhos do contemplativo Jivago, dividido entre dois amores, que se observam as conturbadas transformações políticas e sociais ocorridas na Rússia, também ela uma nação dividida. David Lean, com o seu talento para narrar e retratar períodos históricos numa vasta escala e com um grande detalhe aos adereços e guarda-roupa, reuniu para este filme a mesma equipa técnica de *Lawrence da Arábia*: do argumentista Robert Bolt, ao cenarista John Box, até ao diretor de fotografia Freddie Young. Apesar do vincado cunho político do livro, Lean deu indicações à sua equipa de que seria este o aspeto que menos lhe interessava explorar no filme:

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO ELÍSIO SUMMAVIELLE PRESIDENTE / ISABEL CORDEIRO VOGAL / LUÍSA TAVEIRA VOGAL / SECRETARIADO JOÃO CARÉ / LUÍSA INÉS FERNANDES / RICARDO CERQUEIRA / DIREÇÃO DE ARTES PERFORMATIVAS PROGRAMAÇÃO ANDRÉ CUNHA LEAL / FERNANDO LUÍS SAMPAIO / DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES / COORDENADORA PAULA FONSECA / PRODUÇÃO INÉS CORREIA / PATRÍCIA SILVA / HUGO CORTEZ JOÃO LEMOS / VERA ROSA / DIREÇÃO DE CENA PATRÍCIA COSTA / JOSÉ VALÉRIO / TÂNIA AFONSO / CATARINA SILVA / FRANCISCA RODRIGUES / SOFIA SANTOS / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES SOFIA MATOS / DEPARTAMENTO TÉCNICO / COORDENADOR PEDRO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO / ADJUNTO DA COORDENAÇÃO TÉCNICA PEDRO CAMPOS / TÉCNICOS PRINCIPAIS LUÍS SANTOS / RAUL SEGURO / TÉCNICOS EXECUTIVOS F. CÂNDIDO SANTOS / CÉSAR NUNES / JOSÉ CARLOS ALVES / HUGO CAMPOS / MÁRIO SILVA / RICARDO MELO / RUI CROCA / HUGO COCHAT / DANIEL ROSA / JOÃO MOREIRA / FÁBIO RODRIGUES / CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO / CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS NUNO BIZARRO / TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EDUARDO NASCIMENTO / PAULO CACHEIRO NUNO RAMOS / MIGUEL NUNES / CHEFE DE MANUTENÇÃO PAULO SANTANA / TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO LUÍS TEIXEIRA / VÍTOR HORTA / SECRETARIADO DO DEPARTAMENTO TÉCNICO YOLANDA SEARA

queria sim concentrar-se no lado humano das personagens sob as circunstâncias tão extremas de uma guerra e uma revolução, quando as suas emoções são levadas ao extremo.

Um dos grandes desafios na produção de *Doutor Jivago* foi encontrar os locais de rotação que servissem a escala necessária para contar esta história. A ação percorre muitos locais distintos, em épocas históricas diversas, e nas várias estações do ano. Em Espanha, perto de Madrid, foi construído, ao longo de mais de um ano e meio e ocupando 10 hectares de terreno, um gigantesco cenário que recreava minuciosamente a Moscovo do início do século XX: desde o Kremlin, às várias avenidas pavimentadas e linhas de *trolley*, nenhum detalhe foi esquecido. Foi neste cenário que aconteceu um dos momentos mais caricatos da rotação. Numa noite em que filmavam com centenas de figurantes a cantar a *Internacional*, a polícia política de Franco irrompeu pela rotação julgando tratar-se de um ajuntamento real de comunistas, depois de alguns moradores nas proximidades terem ouvido os cânticos e julgado que Franco tinha sido derrubado.

Mais a norte de Madrid, nos vastos campos da região de Sória, foi construído outro dos memoráveis cenários deste filme – a casa de Varykino. Neste cenário em particular, foi necessário simular as várias estações do ano. A equipa de cenaristas transformava em poucas horas os cenários para as várias estações: acrescentando folhas e flores às árvores, colorando de tons outonais as folhagens, ou cobrindo de plástico, pó de mármore e cera branca o cenário para simular a neve, como vemos nas deslumbrantes imagens da casa coberta de gelo.

Para as cenas que mostram a fuga do Jivago às tropas do Exército Vermelho, David Lean quis que os atores passassem pela experiência real do frio extremo, e por isso as filmagens foram realocadas na Finlândia. Num ambiente de -40°C, e com todos os constrangimentos técnicos de tão baixas temperaturas, essas cenas foram filmadas em duas semanas.

Outro importante elemento neste filme é o tratamento estético da cor e a forma subtil como esta acentua as ambiências das cenas: as de Moscovo são praticamente monocromáticas e despojadas de cor, para que a entrada das bandeiras vermelhas da Revolução tenha um

grande impacto visual; ou ainda a diferença de tonalidade entre as imagens do amor impossível de Yuri e Lara, cruas e frias, que contrastam com as cenas da revolução, em que as cores vivas e quentes sublinham de forma poética os acontecimentos.

À altura da sua produção, *Doutor Jivago* foi um dos filmes mais caros até então, com um orçamento de 15 milhões de dólares. E, apesar da recepção pouco entusiasta por parte da crítica, foi um retumbante sucesso de bilheteira, sendo ainda hoje um dos maiores êxitos da história da MGM. O filme teve uma forte influência junto da cultura e da moda dos anos 1960: a popularidade da sua banda sonora, sobretudo do tema *Lara's Theme*, que foi um das músicas mais vendidas mundialmente naquele ano; o ressurgimento do bigode na moda masculina (à semelhança do bigode de Omar Sharif); as coleções de Yves Saint Laurent e Christian Dior que se inspiraram no guarda-roupa do filme; e ainda o curioso dado de se ter verificado um súbito aumento de bebés registadas com o nome Lara por todo o mundo. Já na União Soviética, à altura da estreia do filme, em 1965, o livro que lhe serviu de inspiração continuava banido. Só em 1988, após anos a circular clandestinamente, o livro foi finalmente autorizado. Já o filme de David Lean foi visto pela primeira vez na Rússia apenas em 1994. Este monumental filme, numa versão restaurada digitalmente em 4K pelo British Film Institute, poderá ser visto no Grande Auditório do CCB, dia 23 de setembro.



Apesar da recepção pouco entusiasta por parte da crítica, foi um retumbante sucesso de bilheteira, sendo ainda hoje um dos maiores êxitos da história da MGM.





Este é um dos mais distintos filmes da história do cinema.

JONATHAN ROSENBAUM, CHICAGO READER

Ivan, O Terrível

(PARTE I + II)

Ivan Grozny

1944, 1958 / 103 + 80 MINUTOS
UNIÃO SOVIÉTICA

REALIZAÇÃO Serguei Eisenstein

ELENCO Nikolai Tcherkassov, Seraphina Birman, Ludmila Tzelikovskaya, Mikhail Nazvanov, Pavel Kadochnikov

ESTREIA EM PORTUGAL: 4 DE OUTUBRO DE 1971

Ivan, O Terrível é um dos mais icónicos filmes do cinema soviético, resultado de uma encomenda de Estaline a Serguei Eisenstein. Estaline admirava a figura histórica de Ivan IV, o primeiro Czar da Rússia, que unificou num único *czarado* os vários principados em que o território estava dividido, e em cujos feitos gloriosos enquanto líder absoluto da Rússia Estaline se revia. O filme, que pretendia ser um hino à Rússia e ao seu líder em plena II Guerra Mundial, foi pensado enquanto trilogia. No entanto, é composto apenas por duas partes, filmadas entre 1942 e 1946.

A primeira parte relata a forma como Ivan IV se tornou Czar da Rússia. Coroado Czar, Ivan

(Nicolai Tcherkassov) deseja unificar os vários principados russos e proteger este território uno, por um lado, das invasões dos exércitos inimigos e, por outro, dos boiardos (aristocratas russos) cuja sede de poder ameaçava o seu reinado. O sumptuoso casamento de Ivan com Anastácia e a notícia súbita de que os palácios de vários boiardos estão a arder, faz espoletar uma guerra entre Ivan e um dos principados agregado. No regresso da guerra, Ivan fica gravemente doente e testa os seus aliados, ordenando que jurassem lealdade ao seu filho, caso morresse – o que não acontece. Depois de os mesmos traidores envenenarem a czarina Anastácia, Ivan torna-se um governante implacável, rodeando-se de uma guarda pessoal – os *opritchninas* – encarregues de reprimir qualquer ameaça contra o czar. Na segunda parte do filme, as conspirações continuam. Vendo-se cada vez mais sozinho e rodeado de traidores que ameaçam o seu poder, Ivan torna-se um terrível tirano, com um ódio crescente pelos boiardos, oprimindo e punindo os conspiradores, até, por fim, lhes servir a vingança.

A primeira parte do filme foi logo lançada em 1944 e foi um grande sucesso junto do público, tendo Eisenstein sido distinguido com o Prémio Estaline, a mais alta condecoração civil da União

Soviética. A ideia transmitida de que o líder deve ter legitimidade e poder ilimitado para governar o seu povo e de que Ivan era um herói nacional, agradou às autoridades soviéticas.

Porém, a segunda parte passa uma imagem paranoica e tirânica do governante, o que revelava “ignorância dos factos históricos” como justificou o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, tendo desagradado a Estaline e aos dirigentes soviéticos, que temiam comparações entre as figuras de Ivan e Estaline, e dos *opritchninas* com as polícias secretas estalinistas. O segundo filme esteve, por isso, proibido pelos censores soviéticos e só viu a luz do dia em 1958, cinco anos após a morte de Estaline, e quase dez anos depois do falecimento de Eisenstein, em 1948, que passou os últimos anos da sua vida a defender-se e a defender o filme, junto da censura e do próprio Estaline, que o chamou ao Kremlin em fevereiro de 1947. O filme teria ainda uma terceira parte, cuja produção se havia iniciado em 1946, mas que perante os impasses com o Kremlin, se viu interrompida e o pouco material filmado foi destruído após a morte de Eisenstein.

Esta bastante provável, mas nunca confirmada, representação encriptada do regime autocrata de Estaline faz um uso muito simbólico dos vários elementos fílmicos. A banda sonora, composta por Serguei Prokofiev, foi sobejamente elogiada por Eisenstein, que considerou que o compositor conseguiu compreender imediatamente os ritmos, estrutura e ânimos de cada cena do filme, e traduzi-los em orquestrações tão intensas e ambíguas quanto o carácter do próprio czar. Em termos visuais, este filme sobressai pelo recurso frequente a símbolos da Igreja Ortodoxa Russa, pela plasticidade das sombras que são uma representação gráfica do domínio e do poder, pela corporalidade e zoomorfismo com que as várias personagens gesticulam e se apresentam: Ivan, por exemplo, assemelhando-se a um pássaro com a capa e titubear do corpo, primeiro presa, por fim ave predadora. De destacar, ainda, os dois surpreendentes planos coloridos que sobressaem neste filme carregadamente a preto e branco. Filmados em película *Bi-Color*, em que se realçam as tonalidades vermelhas e amarelas, a sua utilização pretende enfatizar dois momentos de transição: a cena do banquete, em que o vermelho acentua o lado viril, festivo e

impetuoso dos *opritchninas*, em contraste com a fragilidade amarela e desmaiada de Vladimir, o traidor prestes a morrer; e a cena final, que consagra a libertação do reinado claustrofóbico de Ivan, marcado pelo preto e branco tão dicotómico como o carácter daqueles que o rodeavam, e o reerguer de um Ivan supremo a declarar que todos os inimigos internos da Rússia foram eliminados.

A 29 de outubro, as duas partes de *Ivan, O Terrível* serão exibidas no Grande Auditório do CCB, na sua versão restaurada digitalmente.



A banda sonora, composta por Serguei Prokofiev, foi sobejamente elogiada por Eisenstein, que considerou que o compositor conseguiu compreender imediatamente os ritmos, estrutura e ânimos de cada cena do filme.



Brilhante. Não há outra palavra para descrever a mestria com que foi feito este filme.

NEW YORK TIMES, 1957

A Ponte do Rio Kwai

The Bridge on the River Kwai

1957 / 161 MINUTOS / EUA, REINO UNIDO

REALIZAÇÃO David Lean

ELENCO Alec Guinness, William Holden, Jack Hawkins, Sessue Hayakawa

ESTREIA EM PORTUGAL: 28 NOVEMBRO 1958

Este filme de David Lean é um dos mais célebres filmes de guerra e uma das experiências cinematográficas mais memoráveis de sempre. *A Ponte do Rio Kwai* tem na sua vasta lista de premiações sete Óscares (Melhor Filme, Realizador, Ator, Argumento, Banda Sonora, Montagem e Fotografia), três Globos de Ouro (Melhor Filme, Realizador e Ator) e três BAFTA (Melhor Filme, Realizador e Ator), entre muitas outras distinções.

Baseado no romance homónimo de Pierre Boulle, de 1952, o filme conta a história de um grupo de prisioneiros britânicos que, durante a II Guerra Mundial, é forçado pelos japoneses a construir uma ponte ferroviária sobre o Rio Kwai, na selva da Birmânia. Um coronel britânico,

Nicholson (Alec Guinness), apesar de invocar a Convenção de Genebra para se recusar aos trabalhos forçados, é submetido a castigos e torturas às quais resiste corajosamente. Impressionados com a sua dignidade, os japoneses convidam Nicholson a liderar a construção da ponte. Nicholson, que passa a comandar os prisioneiros, vê na construção da ponte uma forma de manter os seus soldados moralizados e uma oportunidade de demonstrar a superioridade e o engenho britânicos. No entanto, o seu orgulho e empenho na obra tornam-se obsessivos, exigindo um esforço desumano aos seus soldados e esquecendo-se que está, desta forma, a colaborar com o inimigo. Shears (William Holden), um major americano que entretanto conseguiu escapar aos japoneses, regressa passado umas semanas com um contingente dos Aliados com a missão de destruir a ponte à passagem do primeiro comboio.

Apesar de esta ser uma história ficcional, tem por base a experiência verídica de Pierre Boulle, que foi agente secreto ao serviço da França no Sudoeste Asiático, durante a II Guerra Mundial. Foi então que Boulle assistiu à construção desta ferrovia que liga Bangucoque à Birmânia e soube das várias histórias em torno da

obra. Com mais de 400km, aquela que ficou conhecida como “a Ferrovia da Morte”, foi construída pelo Império Japonês durante a II Guerra Mundial para apoiar as suas tropas em campanha na Birmânia, recorrendo aos trabalhos forçados de centenas de milhares de prisioneiros, tendo ficado concluída num tempo recorde de um ano e três meses. Durante a sua construção, entre prisioneiros e civis, terão morrido mais de 100 mil pessoas. Apesar de grande parte da linha férrea construída ser paralela ao Rio Kwai, na verdade, a ponte a que o livro e o filme se referem atravessa, sim, o Rio Mae Klong, na Tailândia (que entretanto se tornou um destino muito procurado por causa do filme). Esta ponte foi de facto destruída durante a II Guerra, mas num ataque aéreo dos Aliados, em junho de 1945, tendo entretanto sido reconstruída. O argumento foi escrito em grande confiança, pois os argumentistas escolhidos – Carl Foreman e, mais tarde, Michael Wilson – estavam banidos de Hollywood por suspeitas de serem simpatizantes do comunismo. Os créditos do argumento acabaram por ser atribuídos ao próprio Pierre Boulle, que recebeu inclusivamente o Óscar de Melhor Argumento (quando nem sequer sabia falar inglês). Em 1984, a Academia de Cinema de Hollywood acabou por juntar os nomes de Foreman e Wilson ao prémio.

O filme, com um orçamento de 2,8 milhões de dólares, foi rodado no Ceilão (atual Sri Lanka), depois de se perceber que seria muito difícil encontrar nos Estados Unidos ou na Europa um local para a rodagem que se assemelhasse, em dimensão e características, à selva birmanesa. A ponte que serviu de cenário principal para o filme começou a ser construída antes mesmo de o elenco ter sido escolhido. A escolha de um local tão remoto para o cenário exigiu que a ponte fosse construída com métodos rudimentares, recorrendo, por exemplo, a 48 elefantes para o transporte da madeira e ao abate de mais de 50 mil árvores. Ao todo, com cerca de 150 metros de comprimento e 15 metros de altura, a ponte levou oito meses a ser construída e custou 55 mil dólares. Os custos e complexidade da construção da ponte colocaram uma grande pressão na equipa de rodagem: a cena da destruição da ponte teria de ser filmada uma única vez, sem falhas. Para filmar este momento, que dura pouco mais de

meio minuto, foram usadas cinco câmaras em diferentes ângulos e montada meia tonelada de dinamite nos pilares da ponte. No total, este único plano terá custado cerca de 250 mil dólares do orçamento do filme. A recusa de Lean em recorrer a efeitos especiais, neste e nos seus outros filmes, sujeitando sempre os atores e a produção às condições reais da história que filma, é o que lhes dá verossimilhança e torna a história credível, tanto ontem como hoje. Este foi o primeiro filme que David Lean fez em CinemaScope, ou seja, a proporção do ecrã passava a ter o dobro da largura habitual da maioria dos filmes feitos na altura, o que permitia abrir o quadro da imagem e trabalhar os vários detalhes do campo de imagem de cada cena. É, pois, *A Ponte do Rio Kwai* que inaugura aquilo que tornou os filmes de Lean inconfundíveis – a imensidão das cenas, em cenários naturais de perder de vista, compostas ao ínfimo detalhe, desde o fundo ao primeiro plano. Enfim, a sua dimensão épica.

A Ponte do Rio Kwai, o primeiro grande épico de David Lean, considerado um dos 100 melhores filmes de sempre pelo American Film Institute, e um dos dez melhores filmes britânicos de todos os tempos pelo British Film Institute, é exibido a 3 de dezembro, no Grande Auditório do CCB, numa cópia digital restaurada em 4K.





Os cenários são fabulosos, as canções contagiantes. Uma história divertida contada com grande sensibilidade. E com um elenco a um pequeno passo da perfeição.

TIME MAGAZINE

Mary Poppins

Mary Poppins

1964 / 139 MINUTOS / EUA

REALIZAÇÃO Robert Stevenson

ELENCO Julie Andrews, Dick Van Dyke, David Tomlinson

ESTREIA EM PORTUGAL: 15 DEZEMBRO 1965

Mary Poppins é um dos grandes clássicos da Walt Disney e tem feito parte do imaginário de avós, pais e netos, de geração em geração. Este musical para toda a família conta a doce e divertida história de uma ama vinda dos céus (Julie Andrews), com um guarda-chuva mágico e uma mala misteriosa, para tomar conta de duas terríveis e indomáveis crianças, na cinzenta Londres do início do século XX. Para desespero dos seus pais, e apesar da rigidez da educação que lhes é dada, Jane e Michael

conseguem levar ao desespero as inúmeras amas que vão sendo contratadas. Até que um dia Mary Poppins chega, anunciando-se como a ama que procuravam. Poppins consegue conquistar as duas crianças com brincadeiras, divertidos truques mágicos e insólitas aventuras, acompanhada pelo seu não menos excêntrico amigo, o limpa-chaminés Bert (Dick Van Dyke). A contagiante alegria e boa disposição que Poppins traz para esta família não deixa ninguém indiferente.

Baseado num conjunto de livros de autoria de P.L.Travers, a ideia do filme surgiu por insistência das filhas de Walt Disney, que obrigaram o pai a prometer que faria um filme a partir dos livros. Walt conseguiu a custo convencer Travers a vender-lhe os direitos para a adaptação cinematográfica, apesar deste ter exigido envolver-se em todo o processo de escrita do argumento do filme. *Mary Poppins*, que combina imagem real com animação, tornou-se assim o primeiro filme em imagem real produzido

pelos estúdios da Disney, um dos seus filmes mais rentáveis de sempre e é, até hoje, a única produção da Disney a receber uma nomeação para o Óscar de Melhor Filme.

A escolha de Julie Andrews para protagonizar a personagem da ama foi também uma aposta muito feliz. Andrews foi a escolhida depois de Walt Disney ter visto um espetáculo da Broadway que esta protagonizava. Nessa mesma noite, fez-lhe a proposta, apesar de ela não ter qualquer experiência em cinema. Andrews inicialmente quis recusar o papel por estar grávida de poucos meses, mas Walt Disney dispôs-se a esperar pelo nascimento do bebé para começar a rodagem. O seu desempenho enquanto Mary Poppins é memorável, e na sua primeira aventura cinematográfica valeu-lhe o Óscar e o Globo de Ouro para Melhor Atriz. É também durante a rodagem de *Mary Poppins* que o realizador e os produtores de *Música no Coração* visitam os estúdios onde decorriam as filmagens e convidam imediatamente Julie Andrews para protagonizar o filme, antevendo o sucesso que este musical iria ter.

No ano da sua estreia, *Mary Poppins* foi o filme com a maior receita de bilheteira nos Estados Unidos e a receção calorosa, pelo público e pela crítica, foi unânime. Não é por isso surpreendente que tenha recebido 13 nomeações para os Óscares, tendo ganho nas categorias de Melhor Atriz, Melhor Banda Sonora, Melhor Canção Original, Melhor Montagem e Melhores Efeitos Visuais; nem que seja um dos filmes mais vistos nos anos 1960. O seu estatuto de grande "clássico do cinema" é definitivamente confirmado em 2013, quando o U.S. National Film Registry considera *Mary Poppins* um "filme de grande relevância cultural, histórica e estética" e, por isso, digno de arquivo, restauro e preservação pela Biblioteca do Congresso, a mais importante instituição de arquivo norte-americana.

É com a exibição da versão digital restaurada desta obra-prima incontornável, considerada a jóia da coroa dos estúdios Disney, que assinalamos o Natal no Centro Cultural de Belém, no dia 23 de dezembro.

A escolha de Julie Andrews para protagonizar a personagem da ama foi também uma aposta muito feliz. Andrews foi a escolhida depois de Walt Disney ter visto um espetáculo da Broadway que esta protagonizava.





(PORMENOR) ROYAL OPERA HOUSE: **LA BOHÈME**. DIREÇÃO DE RICHARD JONES, ARTWORK E DESIGN GRÁFICO POR AK (©ROH, 2017)

22 out

A Flauta Mágica

DURAÇÃO 3H10 COM INTERVALO

5 nov

**As Aventuras de Alice
no País das Maravilhas**

DURAÇÃO 2H50 COM DOIS INTERVALOS

8 nov

La Bohème

DURAÇÃO 2H35 COM INTERVALO

5 dez

O Quebra-Nozes

TRANSMISSÃO AO VIVO

DURAÇÃO 2H15 COM INTERVALO

DESCONTOS

Só aplicados a bilhetes superiores a 12€ para espetáculos com Produção CCB:

_30% Desconto Cartão Amigo CCB
(Individual, Sénior, Jovem e Família)

_50% para bilhetes de última hora, a partir de 30 minutos antes do início do espetáculo (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira do CCB)

_20% para menores de 25 anos e maiores de 65 (exceto 1.ª Plateia no Grande Auditório)

_10% para titulares do cartão FNAC (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)

_25% para clientes da CP (apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)

_50% para desempregados (contra apresentação de comprovativo do IRRP, apenas para bilhetes adquiridos nos postos de atendimento)

Quota limitada de bilhetes a 5€ para estudantes e profissionais de espetáculo. Desconto válido exclusivamente para o 2.º balcão do Grande Auditório e para Laterais no Pequeno Auditório (apenas para bilhetes adquiridos na bilheteira CCB)

A SEGUIR

ROYAL OPERA HOUSE

TRANSMISSÕES AO VIVO E EM DIFERIDO

A Flauta Mágica de W. A. Mozart

CORO E ORQUESTRA DA ROYAL OPERA HOUSE

A maestrina Julia Jones dirige A Flauta Mágica de Mozart, com um elenco de luxo, que conta com Roderick Williams como Papageno. Cantado em alemão com legendagem em português do Brasil.

As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

THE ROYAL BALLET E ORQUESTRA DA ROYAL OPERA HOUSE

Um exuberante ballet de Christopher Wheeldon, inspirado no livro de Lewis Carroll.

La Bohème de Giacomo Puccini

CORO E ORQUESTRA DA ROYAL OPERA HOUSE

A apaixonada ópera de Puccini numa versão de Richard Jones e dirigida por Antonio Pappano. Com Nicole Car, Michael Fabiano e Mariusz Kwiecie nos principais papéis.

Cantado em francês com legendagem em português do Brasil.

O Quebra-Nozes de P. Tchaikovski

THE ROYAL BALLET / LONDON ORATORY JUNIOR CHOIR / ORQUESTRA DA ROYAL OPERA HOUSE

Um quebra-nozes encantado transporta a pequena Clara numa maravilhosa aventura de Natal.

CARTÃO
AMIGO CCB

INDIVIDUAL

UMA BOA IDEIA

FORMULÁRIO/INSCRIÇÃO ONLINE EM WWW.AMIGOCB.PT

SIGA-NOS



#cbelem
#amigoccb